

## **Sobre Angústia e Libido**

### *About Anguish and Libido*

Lucas Bullara Martins da Silva

Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

lucas.bmsilva@gmail.com

---

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo da evolução do conceito de angústia dentro da obra freudiana, priorizando como foco de análise a relação entre angústia e libido. Esse estudo será dividido em três momentos distintos: uma investigação inicial sobre as chamadas neuroses atuais; um aprofundamento nas hipóteses sustentadas ao longo das duas primeiras décadas do século XX; e, por fim, uma elucidação das repercussões da inversão metapsicológica apresentada no texto *Inibição, Sintoma e Ansiedade*. Ao fim, o enfoque dado na temática angústia-libido, considerando-se os diferentes pontos de vista ao longo do percurso teórico de Freud, nos permitirá produzir algumas conclusões e levantar novos problemas que merecerão futura análise.

**Palavras-chave:** Freud, Psicanálise, Metapsicologia, Angústia, Libido.

---

**Abstract:** The aim of this paperwork is to carry out a study of the evolution of the concept of anguish inside the Freudian work, prioritizing the relation between anguish and libido as the analysis's focus. This study will be divided in three different moments: an initial investigation about the so-called topical neurosis; a deepening into the hypothesis supported along the two first decades of the twentieth century; and, lastly, an

elucidation of the metapsychological inversion's repercussions presented in the text *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*. At the end, the priority given to the theme anguish-libido, taking into account the different points of view along Freud's theoretical path, will allow us to produce some conclusions and raise new problems which will deserve future analysis.

**Keywords:** Freud, Psychoanalysis, Metapsychology, Anguish, Libido.

---

O objetivo do presente trabalho é fazer um estudo teórico do problema da angústia dentro da obra freudiana, tomando como foco a relação entre os conceitos de angústia e libido. Os estudiosos de Freud não se deixarão enganar pela aparente simplicidade desse objetivo e reconhecerão a verdadeira dificuldade de uma empreitada como essa. Dentro de uma produção teórica tão extensa como a freudiana, não é raro que mesmo a tentativa mais modesta de dissecção de apenas um conceito tenha como resultado um trabalho confuso e infrutífero, em especial quando essa tentativa nos obriga a mergulhar em um campo tão complexo como o da metapsicologia.

Acompanhar o pensamento freudiano em relação ao tema da angústia significa partir de textos que remontam a períodos bem iniciais de sua obra, deslocando-se até textos muito mais tardios: um percurso por 40 anos de evolução teórica. Num deslocamento dessa espécie, necessariamente o pesquisador deparar-se-á com o desafio de considerar o conjunto teórico no qual seu tema de pesquisa está inserido, de modo a reconhecer e desenvolver os pontos de tangência conceituais; no entanto, tal empreitada traz para o pesquisador o risco de se perder ao longo desse caminho tortuoso. Aqui, de forma a evitar esse risco, foi estabelecido um enfoque privilegiado de orientação neste

trabalho: a relação entre angústia e libido. Embora seja fato que essa escolha restrinja em demasiado a amplitude que um estudo aprofundado sobre angústia poderia atingir, toda pesquisa sempre trabalha com um recorte e consideramos que são decisões assim que possibilitam, exatamente por intermédio dessa restrição, a elaboração de trabalhos produtivos que, muito provavelmente, são aqueles que mais contribuem para evitar estagnações na pesquisa teórica.

Um esclarecimento deve ser feito antes que se possa continuar. No âmbito desse artigo, a escolha de um objetivo cujo cerne está ancorado num estudo teórico não deve passar despercebida, nem ser considerada indiferente. Para que se possa ser feito um estudo teórico válido, é necessário assumir um determinado método de trabalho que guie a leitura dos textos e a análise dos mesmos. O método aqui desenvolvido é inspirado naquilo que Foucault chama de análise genealógica<sup>1</sup>. Isso significa tratar a teoria como uma ficção que produz e veicula “verdades” em relação a um campo de acontecimentos sociais. Dessa forma, busca-se não apenas a ideia, mas também o contexto no qual ela foi produzida e os diferentes contextos nos quais ela é transformada. Não nos interessa em si a “origem” da ideia ou mesmo sua forma dita “final”, tanto quanto a investigação das *possibilidades de existência e transformação da mesma*.

De fato, o mais apropriado seria realizar uma análise genealógica do problema da angústia em Freud, investigando quais os conhecimentos produzidos em cada contexto histórico do discurso freudiano e utilizando estratos que embasassem nossas construções, tudo isso por intermédio da análise de cada texto no qual a angústia é problematizada. Contudo, um estudo assim demanda um tempo e um espaço que não estão previstos na elaboração de um artigo, e tal tarefa deverá ser reservada para outra

---

<sup>1</sup> Foucault, M. *A Ordem do Discurso* (1971/1996).

ocasião. Por esse motivo, o presente texto, embora possua uma certa vocação genealógica na sua busca pelas condições de possibilidade dos conceitos e das construções teóricas, deve ser caracterizado mais corretamente como um comentário<sup>2</sup> da obra de Freud, que trata dos diferentes pontos de vista desse autor a respeito da angústia, no que se refere à sua relação com a libido.

Quando nos propomos a fazer um estudo acerca do tema da angústia<sup>3</sup> dentro do campo de pesquisa freudiano, o primeiro eixo de análise com o qual nos deparamos é a separação já consagrada entre duas teorias da angústia – assunto que pode ser encontrado na introdução de James Strachey, editor das obras completas de Freud da IMAGO, ao texto *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (Freud, 1926/1969), ou no dicionário de Laplanche e Pontalis<sup>4</sup>. Tomando inicialmente esse eixo analítico, é possível distinguir dois pontos de vista distintos no pensamento de Freud em relação à explicação dada ao fenômeno da angústia: primeiramente, desde os primeiros escritos de Freud até meados da década de 20, o surgimento da angústia era explicado como sendo o resultado da transformação do acúmulo da excitação sexual que não foi descarregada, ou por que não teve acesso ao plano psíquico, ou por que foi contida pela repressão; posteriormente, com o texto *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (Freud, 1926/1969), “... Freud desiste da teoria que sustentara por tanto tempo. Ele não considerava mais a ansiedade como libido transformada, mas como uma reação sobre um modelo específico a situações de perigo.” (Introdução do Editor Inglês ao texto *Inibição, Sintoma e Ansiedade*, p. 98). A geração de angústia está, nesse momento da

---

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Há grande discussão, ainda hoje, acerca da tradução do termo alemão *Angst* para o português. Não entraremos em detalhes nessa discussão. Contudo, vale explicar ao leitor que no presente texto, embora substancialmente baseado na tradução das obras freudianas da Standard, optamos pela tradução *angústia*, em contraste com a proposição *ansiedade* (*anxiety*) dessa edição. A escolha por esse termo baseia-se na tradução em andamento da editora Companhia das Letras, direto do alemão, das obras completas de Freud (coordenada por Paulo César de Souza). A tradução do título deste artigo para o inglês *anguish* baseia-se no apêndice de Strachey ao texto de 1895 sobre neurose de angústia (p. 137, 1895b/1969).

<sup>4</sup> Laplanche e Pontalis, *Vocabulário de Psicanálise* (1996).

obra freudiana, relacionada com a fuga da repetição de uma certa situação traumática e é pensada como emissão de um sinal de *perigo* que aciona o processo de repressão.

Seguindo esse modelo, é válido considerar mais uma possível linha de análise. Tomando apenas as situações descritas por Freud nas quais há evidência de que um processo psíquico ocorre, é possível organizar as explicações freudianas para a angústia em torno do conceito de repressão: num primeiro momento, a angústia é considerada efeito da repressão, a consequência sintomática de uma perturbação na economia libidinal da mente; e, num segundo momento, a angústia é explicada como um sinal emitido pelo ego para colocar em andamento o processo defensivo, uma inversão metapsicológica que agora coloca a angústia como causa da repressão e não mais efeito.

No entanto, propomos um novo eixo de análise que seja complementar aos modelos acima expostos, mas que também traga algo além do já cristalizado discurso dicotômico “libido transformada em angústia x angústia como sinal”. Pensamos que uma apresentação mais detalhada de como o conceito de libido “invade” a conceitualização de angústia, considerando tal entrelaçamento pelos diferentes momentos históricos do pensamento freudiano, possa servir a esse propósito.

Isso nos impõe diferentes tarefas, que podem ser realizadas em três momentos distintos. Num primeiro momento, devemos buscar nas origens da Psicanálise, em textos iniciais localizados num terreno metapsicológico ainda pouco desenvolvido, de que forma se apresenta a questão da angústia, por quais motivos surge esse problema e como ele é desenvolvido e explicado. Podemos já adiantar que esse passo inicial é dado dentro do campo das indagações referentes às chamadas neuroses atuais, localizado no final do século XIX, mais especificamente no ano de 1895. Com a publicação do clássico artigo sobre “neurose de angústia”, Freud não só propõe uma nomenclatura nosográfica inédita e uma explicação inicial para a angústia, como também nos

proporciona um ponto de partida para a presente pesquisa, indicando já as primeiras pistas da ligação íntima, ou mesmo “antagônica”, entre angústia e libido. Embora enfoquemos nosso estudo nesse texto, é imprescindível relacioná-lo com textos da mesma época que circundam o tema e se relacionam com ele.

Num segundo momento, nossos esforços se concentram na análise de uma das Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, a Conferência XXV, cujo título é “A ansiedade”. Ponto nodal das formulações freudianas sobre angústia, esse texto situa-nos em 1917, ano em que já podemos localizar nosso tema dentro um edifício metapsicológico sólido. O próprio título da conferência indica o mergulho que será dado na tentativa de organização dos pontos de vista acerca do problema da angústia, que vinha em pleno desenvolvimento desde a descrição do caso clínico do pequeno Hans, além de já ser possível notar também nesse texto certos indícios da futura explicação para esse afeto. Aqui também não perderemos o foco: a relação entre libido e angústia.

Por fim, num terceiro e último momento, buscamos o que muda a partir do texto de 1926, *Inibição, Sintoma e Ansiedade*. Após o desenvolvimento da segunda tópica da estrutura mental e da segunda teoria pulsional, esse texto aparece como um reordenador das hipóteses anteriores, colocando o problema da angústia sob novo ponto de vista, com um novo operador teórico: o sinal de perigo. O que acontece com a ligação libido-angústia nesse novo estado de coisas?

Muito mais do que apenas organizar um comentário fechado a respeito desse problema na obra freudiana, as trilhas de análise aqui propostas visam a inquietar, provocar, encontrar talvez alguma poeira escondida debaixo do tapete. Num tema tão complexo, dentro de uma obra tão poderosa, há sempre a possibilidade de não atingir tal expectativa. Não nos abstemos desse risco.

### A excitação transbordada

O artigo sobre “neurose de angústia”, de 1895, é o trabalho no qual podemos encontrar uma primeira tentativa oficial de lançar luz sobre o problema da angústia. Dizemos tentativa oficial, pois é possível rastrear a essência de grande parte das hipóteses apresentadas nesse artigo em cartas remetidas a Fliess, em especial os rascunhos B e E, de datas anteriores<sup>5</sup>.

Ainda numa fase que se costuma chamar de “pré-psicanalítica”, onde o conceito de inconsciente ainda não teve seu desenvolvimento estruturado, esse texto é escrito como crítica à imprecisão que girava em torno da caracterização da chamada neurastenia, tendência quase que generalizada nas práticas médicas da época; nas palavras de Freud que iniciam o texto: “É difícil fazer qualquer asserção de validade geral sobre a neurastenia, na medida em que usemos esse nome para cobrir todas as coisas que Beard<sup>6</sup> incluiu sob ele.” (Freud, 1895b/1969, p. 107). Dito de outra forma, segundo Freud, a medicina colocava no domínio da neurastenia uma gama demasiado diversa de fenômenos clínicos obscuros, dificultando assim a possibilidade de entendimento dos mesmos. O título do artigo já tem em si a concretude do que será trabalhado: “*Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’*” (1895b/1969).

Partindo de uma exposição sintomatológica detalhada, Freud argumenta a validade de se considerar a neurose de angústia uma entidade clínica separada, cujos “componentes podem ser agrupados em torno do sintoma principal da ansiedade” (Freud, 1895b/1969, p. 108). Esse pensamento não é novo, remonta a 1893: “... a

---

<sup>5</sup> *Rascunho B* (Freud, 1893/1969); *Rascunho E* (Freud, 1894a/1969).

<sup>6</sup> [G. M. Beard (1839-83), o neurologista norte-americano, foi considerado o principal intérprete da neurastenia. Cf. Beard, 1881 e 1884.].

questão é saber se o surgimento proeminente desse fator ansiedade, sem os outros sintomas estarem especialmente desenvolvidos, não deveria ser destacado como uma ‘neurose de angústia’ independente...” (*Rascunho B*, 1893/1969, p. 252). Expectativa ansiosa, ataques de ansiedade, vertigem, entre outros, são alguns dos sintomas enumerados para caracterizar essa síndrome particular. No entanto, já revelando seu interesse na busca pelas causas profundas em contraposição à observação limitada dos sintomas, Freud vai além e propõe uma explicação etiológica para a enfermidade, buscando já organizar uma teoria inicial sobre a neurose de angústia.

Sempre tendo em vista a discussão sobre os fatores hereditários e os adquiridos na explicação das neuroses, o autor foca a sua investigação nas evidências que o apóiam a pensar a neurose como adquirida, e encontra no “conjunto de perturbações e influências da *vida sexual*” (Freud, 1895b/1969, p. 117, itálico do autor) os fatores etiológicos que operam na causação da doença. De fato, já era bem conhecida a influência dos fatores da vida sexual na explicação da neurastenia. Contudo, Freud apresenta condições específicas de perturbações na esfera sexual, de natureza quantitativa (“*Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia*”, Freud, 1895c/1969, p. 151), que contribuem direta e necessariamente para a irrupção da neurose: *coitus interruptus*, *coitus reservatus*, *excitação não consumada* etc. Sem entrar em detalhes em cada um desses casos, podemos dizer que todos se referem a situações nas quais não há efetiva satisfação sexual. É com essa idéia que Freud conjectura a neurose de angústia como efeito de uma “*deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, com um conseqüente emprego anormal dessa excitação*” (Freud, 1895b/1969, p. 126, itálico do autor). Em outras palavras, com o acúmulo de excitação sexual somática não podendo atingir a esfera psíquica (diminuição do desejo psíquico,



da “libido”<sup>7</sup> sexual), há um escoamento dessa excitação pela via corporal, na forma de angústia. Como já dissemos, essa proposição também não é inédita no pensamento freudiano. Já em seu *Rascunho E* (não datado, mas possivelmente de 1894) encontramos a seguinte passagem:

“Depois de constatar o fato de que mesmo mulheres frígidas estão sujeitas a ansiedade após coitus interruptus, é-se levado a dizer que se trata de uma questão de acumulação de excitação física – isto é, uma *acumulação de tensão sexual física*. (...) a situação se define dizendo-se que a *ansiedade* surgiu por *transformação*, a partir da tensão sexual acumulada.” (Freud, 1894a/1969, p. 264, itálico do autor)

Nesse ponto, dois comentários precisam ser feitos. Primeiramente, esse texto sobre neurose de angústia é escrito na mesma época em que Freud realizava a tentativa de descrever os processos psíquicos em termos neurológicos, que pode ser encontrada em seu artigo póstumo “Projeto de uma Psicologia” (1950 [1895]/2003). A influência dessa tentativa no texto de neurose de angústia é evidente: quais são as conseqüências de um acúmulo de tensão num aparelho neurológico cujo funcionamento é regido pelo princípio da constância, pelo esforço em manter o nível de quantidade de excitação o mais baixo e estável possível? Além disso, trabalha-se muito a noção de “ação específica” como única via de descarga que efetivamente diminui por um período maior de tempo as exigências dos estímulos internos (Freud, 1895b/1969, p. 127), ideia essencial no seu “Projeto de uma Psicologia”. Em relação ao segundo comentário, trazemos em nosso auxílio James Strachey, que nos lembra em sua nota introdutória ao texto em atual exame que, na época, Freud ainda considerava “libido” como algo exclusivamente psíquico, não sendo supérflua a separação que o autor faz no texto entre libido sexual (desejo psíquico) e excitação sexual somática.

---

<sup>7</sup> Ver comentário a seguir.

Após essa breve exposição, talvez imprecisa e incompleta, podemos voltar nossa atenção para o ponto específico que propomos no presente estudo, a saber, a relação entre angústia e libido. Angústia, nesse momento, é sintoma. Mais que isso, é um sintoma específico de um acúmulo de excitação sexual que transbordou para o corpo pela impossibilidade de descarga e de elaboração psíquica, ou seja, transformação dessa excitação em libido sexual ou desejo psíquico. Precavidos pelo alerta dado por James Strachey, uma leitura cuidadosa do texto permite deduzir inicialmente que angústia e libido se relacionam pela posição diametralmente oposta que ocupam como destinos distintos da excitação sexual somática. Assim, vale atentar ao fato de que, da forma como é proposta, essa primeira concepção sobre angústia se configura como uma explicação quase que fisiológica; a produção desse afeto é resultado de um processo físico. A ausência de trabalho psíquico impossibilita afirmar a angústia, nessas primeiras explicações, como efeito da repressão, um fenômeno psíquico por excelência.

Obviamente, não nos apegaremos cegamente a essas primeiras impressões por dois motivos. Primeiro, o próprio texto de Freud traz momentos nos quais se pode levantar a dúvida se de fato nenhum processo psíquico está em jogo na produção da angústia. Isso pode ser corroborado por trechos em que o autor localiza sintomas de angústia misturados com sintomas de defesa (por exemplo, na ansiedade em pessoas voluntariamente abstinentes). É de fato colocada a possibilidade da atuação de uma “repressão intencional do círculo de idéias sexuais, a qual uma mulher abstinente com freqüência deve ter em mente, na sua luta contra a tentação” (Freud, 1895b/1969, p.130). Em si, o que tal objeção traz para a discussão é um tema interessante, mas nem por isso pouco controverso: a relação entre as neuroses atuais e as psiconeuroses, relação para a qual guardamos um aprofundamento em outra ocasião. Vale apenas dizer que não se pode ignorar o fato de nessa época Freud estar completamente envolvido

com as questões das diferentes neuroses e suas inter-relações, como, por exemplo, no artigo *As neuropsicoses de defesa* (1894b/1969). Já nesses primeiros textos, Freud reconhecia que o fenômeno clínico correspondia mais corretamente a casos de neuroses mistas (Freud, 1894b/1969, p. 73), embora sempre reforçasse que isso não diminuía a importância da descrição “hipotética” de neuroses puras. É interessante verificar isso no final do artigo sobre neurose de angústia, em que Freud tenta pensar as várias relações e pontos em comum existentes entre a enfermidade descrita e a histeria; em suas palavras: “Se se penetra o mecanismo das duas neuroses, na medida do que tem sido possível descobrir até aqui, vêm à luz aspectos que sugerem que a neurose de angústia é realmente a contraparte somática da histeria.” (Freud, 1895b/1969, p. 134).

Em segundo lugar, o conceito de libido tem o seu desenvolvimento mais completo naquilo que se costuma entender pelo termo em época posterior, em especial com a publicação em 1905 dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A oposição radical entre excitação sexual somática e libido sexual será colocada em xeque com a criação do conceito de pulsão, o que nos leva a não superestimar nossas conclusões primeiras.

De maneira geral, é possível apreender desse primeiro exame que a angústia está absolutamente imersa no campo da sexualidade, como um efeito inadequado de uma perturbação na mesma. É excitação sexual somática transformada pela não emergência da mesma no plano psíquico do desejo e da “libido”. Já tomando o conceito posterior de libido, teríamos de nos perguntar novamente em que estado se encontra a relação entre libido e angústia, intuindo a pergunta: angústia é libido transformada? Seria mais prudente ainda não fazer tal afirmação, embora fiquemos com ela em suspenso.

### **Do vinho ao vinagre**

Não seria exagero afirmar que a Conferência XXV, de 1917, é um dos trabalhos mais completos de Freud sobre angústia. É por essa razão que escolhemos esse texto como foco estratégico de análise.

O leitor atento não deixará de perceber que demos um salto de mais de 20 anos de produção teórica e poderá se sentir menos confiante com relação ao que será dito adiante. No estudo dessa conferência buscaremos centrar a investigação no pólo angústia-libido, trazendo de textos anteriores e posteriores ao menos os aspectos mais essenciais para nossa discussão, de forma a diminuir a apreensão do leitor e manter sua confiança.

O primeiro problema com o qual nos deparamos na leitura dessa conferência é a distinção colocada por Freud entre *angústia realística* e *angústia neurótica*<sup>8</sup>. A primeira, em linhas gerais, é a reação emocional frente a uma situação de perigo; pode ocorrer de forma apropriada, limitada a um sinal, que serve de estado de preparação para uma ação frente ao perigo, ou ocorre de forma inadequada, como geração excessiva de angústia que paralisa a pessoa em face da situação perigosa (Freud, 1917/1969, p. 459-461). Na verdade, já nesse texto Freud começa a suspeitar que, “onde há ansiedade, deve haver algo que se teme” (Freud, 1917/1969, p. 468). O segundo tipo de angústia, a neurótica, é aquela que o autor descreve melhor e que em si nos interessa mais nesse momento.

Para organizar sua discussão, Freud divide a descrição desse tipo de angústia em três análises separadas, e acompanharemos o autor nessa divisão. A primeira, que nada apresenta de novo para nós, diz respeito aos casos em que se encontra a angústia num

---

<sup>8</sup> A relação entre estes dois tipos de angústia permanecia ainda muito obscura para Freud nessa conferência e, bem como a idéia do nascimento como protótipo do afeto de angústia, será mais bem desenvolvida no texto *Inibição, Sintoma e Ansiedade*.

estado livre, flutuante, pronta a se ligar a qualquer ideia apropriada. Ele se refere à “expectativa ansiosa”, entrando novamente no campo das neuroses atuais, mais especificamente a neurose de angústia. A ligação estabelecida com os textos de 1895 é evidente: “Uma desmesurada quantidade de ansiedade, porém, compõe um aspecto constante de um distúrbio nervoso ao qual dei o nome de ‘neurose de angústia’ e que incluo entre as neuroses ‘atuais’.” (Freud, 1917/1969, p.464). Na verdade, as hipóteses levantadas naqueles textos são reafirmadas na presente conferência, agora colocadas dentro de um conjunto metapsicológico muito mais estruturado. A segunda análise contempla os casos nos quais a angústia é psiquicamente ligada, vinculada a situações ou objetos específicos. Entramos no campo das fobias.

Seria interessante abrir aqui um parêntese e fazer um breve comentário. O problema da fobia também encontra lugar nas reflexões freudianas desde muito cedo. Ver, por exemplo, além do já citado *As neuropsicoses de defesa* (1894b/1969), o texto *Obsessões e Fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* (1895a/1969). Contudo, queremos restringir nosso comentário e chamar atenção para outros dois pontos específicos dessas reflexões, de 1909 e de 1915, que se mostrarão indispensáveis para nossos objetivos. De fato, o conteúdo do que é dito na conferência XXV sobre fobia remete quase na sua totalidade a essas reflexões.

É na apresentação do caso clínico do *Pequeno Hans* (1909/1969) que Freud arrisca sua elaboração teórica mais extensa acerca das fobias. Sem delongas, posiciona a fobia como um tipo de neurose estruturada psicologicamente da mesma forma que a histeria de conversão, um distúrbio onde também o mecanismo da repressão tem papel central na produção de sintomas; não à toa, propõe o novo nome “histeria de angústia”. Há apenas uma diferença: “Na histeria de angústia, a libido, que tinha sido libertada do material patogênico pela repressão, não é *convertida* (isto é, desviada da esfera mental

para uma inervação somática), mas é posta em liberdade na forma de *ansiedade*.” (Freud, 1909/1969, p. 122, itálico do autor). Na fobia, a ativação do mecanismo da repressão, com a separação entre afeto e representação, tem como resultado a seguinte equação: “A formação substitutiva da parte ideativa [da representante do instinto] realizou-se pela via do *deslocamento* ao longo de uma cadeia de relações determinada de certa maneira. A parte quantitativa não desapareceu, mas sim converteu-se em angústia” (Freud, *A repressão*, 1915d/2010, p. 95, itálico do autor).

A terceira análise de casos de angústia neurótica coloca em questão os casos de histeria de conversão e neurose obsessiva. O mecanismo de produção da angústia não seria muito diferente daquele elaborado para explicar a fobia, muito embora esses casos fossem mais enigmáticos naquele momento pela falta de conexão entre a angústia e o perigo. A solução desse enigma, estendida como hipótese para todos os casos de angústia neurótica, é coerente: “... na ansiedade neurótica, o ego faz uma tentativa de fuga da exigência feita por sua libido, que o ego trata este perigo interno como se fora externo.” (Freud, 1917/1969, p. 472). A exigência libidinal interna é vista como um *perigo* e tratada como um “perigo” externo. Uma passagem semelhante já prenunciava essa idéia em 1915, quando o autor dizia que “... podemos sublinhar o ponto de vista interessante de que através do mecanismo de defesa posto em ação foi alcançada uma projeção do perigo instintual para fora” (Freud, *O inconsciente*, 1915f/2010, p. 124).

Com relação ao foco de investigação desse artigo, a díade angústia-libido, o próprio desenvolvimento do tema já toca naturalmente na questão, como pôde ser notado acima: a implicação direta entre esses conceitos, nesse momento da teoria, torna praticamente impossível falar de um sem se remeter ao outro. Temos as próprias palavras de Freud na conferência como apoio para sintetizar claramente qual o ponto de vista em voga na época:

“Nossas observações a respeito da neurose de angústia levaram-nos a concluir que a deflexão da libido de seu emprego normal, que causa o desenvolvimento da ansiedade, se passa na região dos processos somáticos [pág. 470]. Análises de histeria e neurose obsessiva apresentaram a conclusão adicional de que uma reflexão semelhante, com o mesmo efeito, também pode ser resultado de uma rejeição por parte das instâncias *psíquicas*. Portanto, isto é tudo o que sabemos acerca da origem da ansiedade neurótica.” (Freud, 1917/1969, p. 471, itálico do autor)

O exemplo dado por Freud ao final da conferência não só é interessante como também possui um poder heurístico grande. O bebê, ao ver um rosto estranho, não tem um ataque de angústia por estar com medo da figura estranha; é no não reconhecimento da figura materna, alvo de investimento da libido (objeto de amor), que se encontra o centro da questão: “... – sua libido, de fato, que se tornou inaplicável, não podendo assim, ser mantida em estado de suspensão, sendo descarregada sob forma de ansiedade” (Freud, 1917/1969, p. 474).

No final da seção anterior deixamos a resposta de uma pergunta em suspenso, por prudência. Depois do exposto, seria um excesso de cautela esquivar-se da pergunta novamente. O quadro geral da teoria é claro: angústia é libido transformada<sup>9</sup>. Aos mais céticos, uma nota de rodapé de 1920 aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* pode servir de argumento infalível:

“Um dos resultados mais importantes da pesquisa psicanalítica é esta descoberta de que a ansiedade neurótica se origina da libido, que é produto de uma transformação desta e que, assim, se relaciona com ela da mesma forma que o vinagre com o vinho.” (Freud, 1905/1969, p. 231)

A descrição feita nesse capítulo pode ter dado a impressão de que a conceituação de angústia nesse momento é “simples” e coesa, livre de contradições, divergências ou

---

<sup>9</sup> Outro texto também pode servir de base para um estudo mais aprofundado: *O estranho* (1919a/1969).

confusões. Não é bem assim. Dentro do mesmo texto em que se procura organizar uma concepção coesa de angústia, encontramos rastros de novas questões e problemas que fragilizam essa mesma organização. Qual a relação da angústia com o perigo? E com a noção de sinal? As sementes das futuras idéias estão colocadas. A própria descrição do caso do Homem dos Lobos (1918/2010) pode nos servir como exemplo. Publicado em 1918, apenas um ano depois da conferência XXV, o texto traz uma certa maneira de tratar a antiga fobia de lobos do paciente russo, diversa do que poderíamos esperar. A antiga enfermidade do garoto é vista como um todo dinâmico, e o papel do sintoma de angústia parece ser tratado quase como que um precursor, um “sinal” que prepara a futura obsessividade religiosa. Não podemos entrar em detalhes no assunto, caso contrário poderíamos começar novo artigo. Apenas ressaltamos: a teoria freudiana é histórica, mas antes de tudo *viva*.

### **Perigo: tensão esmagadora e incontrolável**

Para completar o percurso investigativo que propusemos na introdução desse trabalho devemos agora focar nossa atenção no texto de 1926, no qual Freud opera uma mudança central em relação às hipóteses já formuladas sobre angústia.

Como vimos, indícios já podiam ser encontrados, na própria conferência XXV e em outros textos dessa época, de que diferentes perspectivas e perguntas incomodavam Freud ao final da década de 10, mas a teoria carecia de um ou mais conceitos que pudessem embasar uma formulação coesa sobre essas novas tendências. É, por esse motivo, absolutamente crucial localizarmos o texto de 1926 no momento histórico das concepções teóricas de Freud. Sem tal esforço, ficaria muito difícil entender como poderiam ter sido propostas as mudanças operadas em 1926. Em especial, queremos



chamar a atenção para as consequências de dois textos, ainda não escritos à época da conferência XXV, na metapsicologia freudiana. Consequências que, arriscando uma asserção, formam a *possibilidade* da organização da nova concepção de angústia.

O texto de 1923, *O ego e o id*, mantém conexão direta com o texto de 1926, sendo condição necessária para a possibilidade da formulação da nova teoria da angústia. Com a nova tópica da estrutura mental, muitas dificuldades e pontos obscuros de anteriormente encontrarão solução na operação da divisão conceitual do aparelho psíquico em *ego*, *id*, e *superego*, e nas consequentes relações de dependência entre tais instâncias. Chamamos a atenção para um ponto: o conceito de ego. A importância da construção hipotética de uma instância psíquica organizada e organizadora como o ego nas formulações sobre a angústia terá papel incontestável, como veremos a seguir.

Em 1920, com o texto *Além do princípio do prazer*, a teorização de uma nova dualidade pulsional coloca em xeque a anterior hipótese da oposição pulsões sexuais-pulsões de autoconservação, que, de fato, já vinha em declínio desde o aparecimento do texto *Introdução ao Narcisismo* (1914b/2010) com a conjectura de uma libido investida no próprio eu. O que temos aqui de essencial para nossa pesquisa: não só uma nova concepção da relação de forças e conflitos do ponto de vista econômico da vida mental, mas principalmente uma nova hipótese a respeito da situação dinâmica e econômica do ego, que é possível recolocar e repensar a partir de 1923. Essa mudança talvez nos interesse, na medida em que nos dá novo ponto de vista para pensarmos a própria ideia de libido, ego, narcisismo, angústia, junto com suas relações, e faremos as devidas considerações (*problematizações?*) mais à frente. Por enquanto, prosseguimos com a análise proposta para esse capítulo.

*Inibição, Sintoma e Ansiedade* (1926/1969) é um dos escritos clínicos de Freud mais importantes. Trabalha detalhadamente as diferenças entre inibições e sintomas,

retoma os casos clínicos de Hans, do homem dos ratos e do homem dos lobos para destrinchar os processos de formação de sintomas, reposicionando o papel da angústia nessa formação. É esse último ponto que nos importa mais.

Para organizar nosso raciocínio, comecemos devagar. Como na conferência de 1917, ele ressalta no texto a possibilidade de se considerar o ato do nascimento como protótipo do afeto de angústia. É uma situação marcada por um aumento esmagador da excitação interna, que não tem previsão possível de cessar, um estado de *perigo*, e cujo efeito é a reação afetiva de angústia<sup>10</sup>, que causa *desprazer*. Essa situação configura a irrupção da agora chamada *angústia automática*. Com essa construção em mãos, Freud se coloca uma pergunta e a responde prontamente: “... qual a função da ansiedade e em que ocasiões ela se reproduz? A resposta é óbvia e convincente: a ansiedade surgiu originalmente como uma reação a um estado de *perigo* e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete” (Freud, 1926/1969, p. 157, itálico do autor). Toda produção de angústia nos neuróticos será explicada agora como uma tentativa do ego de enviar um *signal* de maneira a evitar uma situação parecida com essa inicial, traumática, de impossibilidade de supressão de uma tensão interna crescente e incontrolável. Freud abandona aqui a tentativa de pensar a *produção de angústia* pelo ponto de vista econômico, ou seja, pelo fluxo de libido; privilegia-se o aspecto dinâmico da situação:

“... embora antigamente acreditasse que a ansiedade, de maneira invariável, surgisse automaticamente por um processo econômico, minha presente concepção de ansiedade como um sinal emitido pelo ego a fim de tornar afetivo a instância do prazer-desprazer elimina a necessidade de considerar o fator econômico” (Freud, 1926/1969, p.164).

Dito de outra forma, a angústia aparece como um sinal emitido pelo ego em face de uma situação de *perigo* que poderia causar um estado de tensão crescente sem vista

---

<sup>10</sup> É interessante notar a influência das idéias presentes no texto “Projeto para uma Psicologia” (Freud, 1950 [1895], in: Gabbi Junior, 2003, p. 195/196), em que Freud trata da vivência de satisfação no bebê: aumento da excitação interna (preenchimento dos neurônios nucleares em  $\psi$ ) – trilha de alteração interna (expressão de emoções) – eliminação passageira da excitação – ajuda externa – ação específica – eliminação duradoura.

ao alívio, um estado de completo desamparo, e que coloca em andamento o processo defensivo. É o que acontece na neurose obsessiva e na histeria<sup>11</sup>. Anulam-se os estímulos cuja satisfação corresponderia ao desencadeamento concreto da repetição de uma situação traumática e à irrupção da angústia automática<sup>12</sup>. O sinal de angústia provoca a repressão. Nas palavras de Freud: “Seria mais verdadeiro dizer que se criam os sintomas a fim de evitar uma *situação de perigo* cuja presença foi assinalada pela geração de ansiedade.” (Freud, 1926/1969, p. 152, itálico do autor). Na neurose de angústia, por alguma debilidade do ego, esse sinal não é emitido, tendo como resultado um estado de irrupção de angústia automática.

O exemplo citado na conferência XXV é retomado nesse texto, com nova explicação: a ausência do rosto familiar da mãe é, de fato, vista como ausência da figura que a criança sabe, por experiência, que satisfaz todas as suas necessidades. “A situação, portanto, que ela considera como ‘perigo’ e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, de uma *crescente tensão devida à necessidade*, contra a qual ela é inerme” (Freud, 1926/1969, p. 161, itálico do autor).

A propósito de nossos objetivos, o que aconteceu com a influência da libido na produção da angústia? Pela análise do desenvolvimento do texto, percebe-se um eco de que a teoria da transformação da libido em angústia é abandonada. Já nos primeiros capítulos Freud é claro:

“O problema de como surge a ansiedade em relação com a repressão pode não ser simples, mas podemos legitimamente apegar-nos com firmeza à idéia de que o ego é a sede real da ansiedade, e abandonar nosso ponto de vista anterior de que a energia catexial do impulso reprimido é automaticamente transformada em ansiedade.” (Freud, 1926/1969, p. 114).

<sup>11</sup> Ver acima: a exigência libidinal interna é visto como um *perigo*, corresponde a uma situação de perigo.

<sup>12</sup> É possível entrar em maiores detalhes nessa discussão, tratando dos temas específicos que Freud trabalha no texto em relação às diferentes situações de perigo ao longo da vida: angústia frente à ausência da mãe, a angústia de castração, angústia da perda do amor do objeto, angústia frente ao superego. Ressaltando a importância de tais temas, deixamos sua discussão para outro momento.

Encontramos no texto ainda uma pista que fala em favor da não completa refutação da antiga teoria. O tema em exame são as neuroses de angústia:

“Vemos, então, que não se trata tanto de remontarmos aos nossos primeiros achados, mas de pô-los em harmonia com as descobertas mais recentes. Constitui ainda um fato inegável que na abstinência sexual, na interferência imprópria no curso da excitação sexual, ou se esta for desviada de ser elaborada psiquicamente, a ansiedade surge diretamente da libido; em outras palavras, que o ego fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devida à necessidade, como ocorreu na situação do nascimento, e que a ansiedade é então gerada. Mais uma vez aqui, embora o assunto seja de somenos importância, é bem possível que o que encontra descarga na geração de ansiedade é precisamente o excedente da libido não utilizada.” (Freud, 1926/1969, p. 165)

Caso alguém fique feliz com essa pista e se sinta confiante em dizer que não há verdadeira ruptura com a idéia de libido transformada em angústia, devemos alertá-lo: à época, tal felicidade não teria durado mais que sete anos. O próprio trecho, se analisado com cuidado, é transparente: “o assunto é de *somenos importância*”. Na relação com a angústia, o conceito de libido é relegado para segundo plano. Como Strachey nos chama a atenção em sua introdução ao texto *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (Freud, 1926/1969, p. 98), destacando as palavras de Freud em sua Conferência XXXII, citamos esse curto trecho dessa conferência de 1933:

“Não mais sustentaremos ser a libido que é transformada em ansiedade, em tais casos [neurose de angústia]. No entanto, não posso ver como objetar contra a existência de uma dupla origem da ansiedade – uma, como consequência direta do momento traumático, e a outra, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento.” (Freud, 1933/1969, p. 119).

Os resquícios da velha teoria agora desaparecem. O autor é claro. Ao que parece, com essa afirmação nosso estudo sobre as relações entre libido e angústia se encerraria. Ou não? Compartilhamos com o leitor desconfiado a opinião de que muitos pontos estão sem nó. Não estamos convencidos.

### Considerações Finais, ou “Iniciais”

A exposição acima de maneira alguma nos agrada como satisfatória. Muitos pontos essenciais ficaram sem exame e, como estudo teórico, ele permanece incompleto e demanda uma genealogia conceitual cuidadosa. Contudo, também não foi infrutífero. O enfoque na relação angústia-libido nos permitiu “extrair” algumas conclusões interessantes e nos instigou a outras questões pertinentes.

Os três eixos de análise seguidos levaram-nos a construir uma proposição distinta daquela já estabelecida sobre duas teorias da angústia. Pensamos em quatro momentos distintos, ao menos no que diz respeito à conexão entre angústia e libido: 1- angústia e libido<sup>13</sup> como os dois destinos diferentes da excitação somática; 2- libido transformada em angústia como efeito do processo de repressão; 3- angústia como um sinal emitido pelo ego que causa a repressão, um meio de evitar a irrupção da angústia automática, essa última sendo produto da transformação do excedente de libido; 4- angústia exclusivamente como efeito do desamparo frente a uma situação traumática de excitação extrema, ou como sinalização egóica, uma tentativa de evitar a repetição daquela situação traumática, agora sem nenhuma relação de dependência com a libido.

No entanto, dúvidas e inquietações surgem. Se for o excesso de excitação sem previsão de alívio que gera angústia automática, um evento traumático vivido em desamparo, por que abandonar a hipótese da transformação da libido em angústia? É interessante notar que ele abandona o ponto de vista econômico para explicar a angústia, mas mantém esse mesmo ponto de vista para explicar a situação traumática. Ou seja, o problema não está efetivamente no ponto de vista econômico, mas sim na dinâmica

---

<sup>13</sup> Lembrar que libido, nesse momento, ainda se restringia a algo exclusivamente psíquico (ver acima).

econômica da angústia? De fato, não havia problema em pensar a geração de angústia automática como excedente de libido transformada, como ele mesmo sugeriu, mas isso traz um enorme problema conceitual: como explicar a geração da angústia como sinal do ego? Além disso, o conceito de ego trabalhado para explicar a emissão do sinal de angústia, que reage ao *perigo*, parece restrito à função de autoconservação: qual o papel da parte egóica investida libidinalmente nesse processo? A idéia de uma libido investida no próprio ego não teria muito a “complicar” esse novo ponto de vista teórico aparentemente tão sólido e fechado? Acho que já circunscrevemos o problema o suficiente para que se intua a próxima pergunta, que sintetiza o núcleo da questão – como pensar com o conceito de narcisismo essa ficção freudiana da dinâmica mental?

Mas as questões não param por aí. Pelo próprio intrincamento teórico-conceitual da obra freudiana, as indagações tendem a continuar e a se multiplicar. No entanto, há apenas mais um ponto que queremos destacar, pela sua relação direta com a provocação acima e também pelo seu caráter enigmático. Ao focar a relação entre angústia e libido, apenas tangenciamos o tema da *pulsão* na discussão. Pelo domínio amplo que pode ter esse conceito, suscitaremos no momento apenas uma faceta: em que ponto os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte se tornam inevitavelmente parte da nossa discussão a respeito da angústia, da libido, do ego? O assunto é delicado. Mas ele pede investigação.

É difícil encerrar um texto que deixou a desejar em tantos pontos e ficou com tantas questões pendentes. Mesmo que possa parecer ousadia usar as palavras de outro autor para essa última tarefa, não vemos nenhuma maneira melhor:

*“Se não conseguimos ver as coisas mais claramente, pelo menos veremos claramente quais são as obscuridades.” (Freud, 1926/1969, p. 147, itálico nosso)*

## Referências

- Foucault, M. (1971/1996). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Freud, S. (1950[1895]/2003). Projeto de uma Psicologia. In: GABBI JUNIOR, O. F. *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed..
- Freud, S. (1893/1969). *Rascunho B*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. I. Rio de Janeiro: IMAGO.
- Freud, S. (1894a/1969). *Rascunho E*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. I. Rio de Janeiro: IMAGO.
- Freud, S. (1894b/1969). *As neuropsicoses de defesa*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. III. Rio de Janeiro: IMAGO.
- Freud, S. (1895a/1969). *Obsessões e Fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. III. Rio de Janeiro: IMAGO.
- Freud, S. (1895b/1969). *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. III. Rio de Janeiro: IMAGO.
- Freud, S. (1895c/1969). *Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. III. Rio de Janeiro: IMAGO.
- Freud, S. (1905/1969). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. VII. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1909/1969). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. X. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1914a/1969). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1914b/2010). *Introdução ao narcisismo*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915a/1969). *Os instintos e suas vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1915b/2010). *Os instintos e seus destinos*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915c/1969). *Repressão*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1915d/2010). *A repressão*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915e/1969). *O Inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1915f/2010). *O inconsciente*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1917/1969). *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Conferência XXV. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XVI. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1918/2010). *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1919a/1969). *O ‘estranho’*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XVII. Rio de Janeiro: IMAGO.



Freud, S. (1919b/2010). *O inquietante*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1920/1969). *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1923/1969). *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XIX. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1926/1969). *Inibição, Sintoma e Ansiedade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XX. Rio de Janeiro: IMAGO.

Freud, S. (1933/1969). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Conferência XXXII. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. XXII. Rio de Janeiro: IMAGO.

Laplanche J.; PONTALIS, J. B. (1996). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.